

Comecei a amar-te no dia em que te abandonei.

Foram as palavras dele quando, dez anos depois, a encontrou por mero acaso no café. Ela sorriu, disse-lhe «olá, amo-te» mas os lábios só disseram «olá, está tudo bem?». Ficaram horas a conversar, até que ele, nestas coisas era sempre ele a perder a vergonha por mais vergonha que tivesse naquilo que tinha feito (como é que fui deixar-te? como fui tão imbecil ao ponto de não perceber que estava em ti tudo o que queria?), lhe disse com toda a naturalidade do mundo que queria levá-la para a cama. Ela primeiro pensou em esbofeteá-lo e depois amá-lo a tarde toda e a noite toda, de seguida pensou em fugir dali e depois amá-lo a tarde toda e a noite toda, e finalmente resolveu não dizer nada e, lentamente, a esconder as lágrimas por dentro dos olhos, abandonou-o da mesma maneira que ele a abandonara uma década antes. Não era uma vingança nem sequer um castigo — apenas percebeu que estava tão perdida dentro do que sentia que tinha de ir para longe dali para ir para dentro de si. Pensou que provavelmente foi isso o que lhe aconteceu naquele dia longínquo em que a deixara, sozinha e esparramada de dor, no chão, para nunca mais voltar.

De tudo o que amo és tu o que mais me apaixonou.

Foram as palavras dela, poucos minutos depois, quando ele, teimoso, a seguiu até ao fundo da rua em hora de ponta. Estavam frente a frente, toda a gente a passar sem perceber que ali se decidia o futuro do mundo. Ele disse: «casei-me com outra para te poder amar em paz». Ela disse: «casei-me com outro para que houvesse um ruído que te calasse em mim». Na verdade nem um nem outro disseram nada disso porque nem um nem outro eram poetas. Mas o que as palavras de um («amo-te como um louco») e as palavras de outro («amo-te como uma louca») disseram foi isso mesmo. A rua parou, então, diante do abraço deles. Não há memória de alguém, algum dia, ter considerado que aquele abraço foi um abraço de traição entre duas pessoas casadas. Toda a gente percebeu, logo ali, que

a única traição seria não abraçar aquele abraço, por mais que houvesse documentos que comprovassem o contrário. Nunca casaram nem nunca se divorciaram. Não queriam perder tempo com papéis desnecessários. Os únicos papéis que assinaram, todos os dias, foram os dos poemas que, religiosamente, deixavam nos mais recônditos e secretos lugares da casa um para o outro. Não eram grandes obras e terminavam, sem qualquer variação possível, sempre da mesma forma: «amo-te». Nunca receberam qualquer elogio da crítica literária, o que os deixava particularmente irritados. Souberam, anos mais tarde, que toda a sociedade os havia renegado. Chamavam-lhes, mesmo, os fugitivos. Eles, nesse ponto, concordaram em absoluto. Ambos sabiam que haviam fugido durante dez anos. E tinha sido tempo demasiado.

Sim, quero.

Foram as palavras dele quando ela, no registo civil como tinha de ser, lhe perguntou se queria nunca casar com ele.

Já fui quase milionário, sabes?,  
tinha a tua avó,  
a mulher mais bonita do mundo, ninguém tenha dúvidas disso, já te disse que tenho a certeza de que Deus só a levou por ciúmes?,  
a nossa casa, uma vida inteira pela frente, tantos sonhos,  
acreditava que um dia chegaria à Lua, vê lá tu, e não estive longe, se queres que te diga, mas amanhã conto-te essa história, hoje não,  
trabalhava na repartição de finanças e as pessoas precisavam de mim, batiam-me à porta, pediam-me para trazer o impresso do IRS, o documento tal de tal, eu às vezes trazia, outras não, nunca pisei o risco,  
a não ser ao volante, confesso, cheguei a dar 120 na recta da bomba da gasolina com o meu Mini, não digas ao teu pai, que eu dei-lhe cabo da cabeça para ele andar devagar, é o nosso segredo, está bem?, cruza aí os dedos comigo, vá,  
depois nasceu o Afonso, um mocetão lindo, o meu menino, quando o pus no meio dos braços acreditei na vida eterna, vê lá tu, pensei que algo assim não podia acabar, e se calhar não acabou, o que está à volta é que mudou,  
cinquenta anos a trabalhar, nunca falhei um horário, era o primeiro a chegar e o último a sair, se com estas coisas da informática conseguires investigar vais ver que faltei duas vezes em cinquenta anos, uma porque tive um acidente de carro, nada de especial, um toquezito, outra porque me esqueci de mudar para a hora de Verão e depois tive vergonha de chegar atrasado,  
onde é que está a vergonha nos dias de hoje?, ganhámos tanto, telemóveis, Internet, e perdemos a vergonha, quem é que ficou a ganhar?,  
o meu pai morreu-me,  
a morte entra-nos nos olhos como um pó invisível, podes perceber já isso, uma pessoa tem outra e depois não tem, o drama da vida é haver vidas

instaladas na nossa, somos uma junção de vários pedaços e perder alguém é como uma amputação, já te imaginaste sem uma mão de repente?, dói mais do que ficares de repente sem o Chocapic, só para teres uma ideia, e nem assim deixei de ir trabalhar, enterrei o meu pai e regresssei às finanças, acreditava na riqueza de servir, na competência, fui um profissional exemplar, um chefe de família exemplar,

quando nasceu o teu pai senti-me um rei, e não é assim que todos os pais se devem sentir?,

e esta casa cheia de vida, os sons, os cheiros,

a tua avó era a melhor cozinheira do mundo, ninguém tenha dúvidas disso, já te disse que tenho a certeza de que Deus só a levou para comer bem?,

vês esta cómoda aí ao teu lado?, comprei-a de surpresa, tinha acabado de receber o subsídio de férias e quis ser feliz,

ainda quero, sabes?, o pior de tudo é que nunca deixamos de querer ser felizes e falta-nos cada vez mais, mas não vou dizer coisas tristes, para triste já basta a cara da tua professora, raios partam a mulher que nunca se ri, não é?, vê lá se não contas isto ao teu pai, sim?, agora há aquela coisa da pedagogia e diz que não se pode dizer coisas destas, sabem lá eles o que é educar uma criança?,

o teu pai foi ensinado por mim e olha o homem que se fez, balelas mais a pedagogia, o importante é amar, e eu amo-te muito, Dioguinho, mete lá mais uma colherzinha à boca que já conto mais coisas, sim?,

e então trouxe a cómoda e toda a casa estava cheia e ficou feliz comigo, o Afonso e o teu pai ajudaram-me a montar, foram três horas tão boas,

a vida no fundo pode não ser mais do que três horas tão boas, aproveita-as sempre que puderes, prometes?

tudo isto para te dizer que já fui quase milionário, basta uma casa cheia para nada nos faltar, e um milionário é isso mesmo,

um milionário é alguém que tem tudo o que quer, não é?,

eu tinha, quando fecho os olhos ainda tenho, mas às vezes temos mesmo de os abrir, como agora,

o meu emprego, a minha mulher,

a melhor esposa do mundo, ninguém tenha dúvidas disso, já te disse que tenho a certeza de que Deus só a levou para ter com quem casar?,

chegou o teu pai, logo agora que te ia falar do que veio depois de ser quase milionário, já vais, há uma reunião qualquer e ele tem de ir, eu compreendo, mas custa muito, não lhe digas, tem uma reunião às sete e ainda te vai deixar na casa de um amigo qualquer pelo caminho,

nunca o deixei com ninguém, levei-o tantas vezes comigo para a repartição e ele adorava, mexia nos computadores, perguntava-me o que era o dinheiro e para que servia, isto só entre nós mas gostava que ele agora tivesse essa mesma dúvida, talvez ficasse aqui mais tempo connosco, eu, tu e ele nesta mesa, a lareira acesa, era bom perguntar-lhe da vida, o que faz, o que sente, o que sonha,

não sei nada do que quer o teu pai, suspeito mesmo que não sei mesmo nada do que é o teu pai, passaram tantos anos desde que lhe disse pela última vez que o amo,

amo-te, meu filho, amas-me de volta?,

e já foi e tu já foste, a casa inteira, quieta, a cómoda com pó, até ela tem saudades de ti, minha princesa, minha rainha, onde foi que falhámos para terminarmos assim?, tu morta e eu sozinho, quem morreu primeiro afinal?,

cá vou andando, de vez em quando tenho aqui o Dioginho, viste-o sair agora?, está um homem, não está?, a Carlinha não vem há semanas, já está no terceiro ano, imagina só, mas não há tempo, dizem-me, e eu acredito, tenho de acreditar para continuar, tu sabes,

eras a melhor pessoa do mundo, ninguém tenha dúvidas disso, já te disse que tenho a certeza de que Deus só te levou para ser uma criatura melhor?,

já fui quase milionário e o tempo foi-me tirando tudo, primeiro tu,

amo-te, minha senhora, amas-me de volta?,

depois os filhos, o tempo deles, pelo menos, depois reformaram-me e mataram-me um pouco, e vê lá tu que agora me tiraram uns quantos euros no final do mês, não sei se vou conseguir pagar os medicamentos,

nunca chegaste a velha, que sorte, a vida não se mede em dias, sei agora, a vida mede-se em farmácias,

há um governo que quer baixar o défice,

nem queiras saber o que é isso que eu também não, consiste basicamente em tirar dos pobres para dar aos ricos, isto digo eu que não percebo nada e sou só um reaccionário, gente ruim não muda, não é?,

e então para baixar o tal do déficit vão tirando o que me restava, não quero pedir dinheiro ao Afonso nem ao Carlos, Deus me livre que eu tenha dignidade, cá me vou arrançando como puder, se não der para comer bife como sopa, como ouvi uma senhora dizer no outro dia na televisão, eu até nem gosto muito de bife, só se fosse o teu, claro,

já fui quase milionário e agora sou quase morto, dói muito mas aguenta-se,

assustam-me sobretudo os segredos da escuridão, e por isso saio para o fim do silêncio,

na rua há barulho suficiente para chorar sem que ninguém note, vens comigo?,

és a melhor companheira do mundo, ninguém tenha dúvidas disso, já te disse que tenho a certeza de que Deus só te levou para ter com quem passear?

Porque te devo amar,  
perguntas,  
e eu falo-te no barulho do vento na janela quando me apertas, a tua  
cabeça no mistério que fica entre os braços e os ombros, escondo os dedos  
no interior do teu cabelo e ouço-te respirar, pessoas como nós não procura-  
ram explicações mas sobrevivências,  
Devíamos aprender a querer devagar,  
arriscas,  
mas entretanto já pousei os meus lábios nos teus, é insuportável o  
teu cheiro se não puder tocar-te, ficaríamos completos se apenas houvesse  
palavras, e o mais absurdo é que nem precisamos de falar, pessoas como  
nós não procuram a eternidade mas os sentidos,  
Cada instante merece um orgasmo,  
invento,  
tento provar-te que os poemas são feitos de carne, nunca de versos,  
estranhamente não ripostas e deixas-te olhar, fico mais de uma hora só a  
ver-te e é tudo, peço-te que te coloques nas mais diversas posições, há-de  
haver um ângulo qualquer em que não seja completamente teu e o teu  
sorriso o quase céu, mas não o encontro, pessoas como nós não procuram  
a pele mas a faca,  
Há uma certa dignidade na maneira como nos abandonamos,  
despeço-me,  
visto-me com lentidão enquanto te amo finalmente, a vida não se  
compadece com mais do que o que temos, podíamos tentar a hipótese de  
uma rotina, quem sabe a adrenalina sossegada de uma família, um beijo  
de manhã e outro à noite, uma cama que não fosse apenas de sexo, até  
conversar com outro objectivo que não o prazer, mas não sei se é amor o  
que não me dá tesão, pessoas como nós não procuram a paz mas o medo,  
Amanhã ou outro dia qualquer ou então nunca,

declaras,

e percebo então que me deste a mais profunda declaração de amor, amanhã ou outro dia qualquer ou então nunca, e eu consinto sem hesitar, pessoas como nós não procuram promessas mas nunca se falham.

Era um menino que sonhava demais, e um dia sonhou que havia uma folha especial, uma folha tão especial que fazia com que tudo o que lá se escrevesse ganhasse vida e fosse real, o menino adorou a ideia e foi contar aos pais

— estás maluco

mas o menino era um menino que sonhava demais e não desistia de sonhar, e em vez de desistir da ideia aumentou a ideia, é essa a vantagem de ser um menino e sonhar, quando se é um menino e se sonha em vez de se parar perante o sonho aumenta-se o sonho, sonha-se ainda mais maior, ainda mais grande

— e se em vez de uma folha fosse um caderno inteiro

e o menino foi a correr à livraria, pediu duas folhas do papel mais barato que havia, os sonhos não têm de ser caros e o menino sabia, afinal de contas os melhores brinquedos que tinha não eram brinquedos nenhuns, uma bola de trapos, um parafuso que para ele é a Torre Eiffel, um taco de madeira que ele transformou num automóvel

— vruum

ele e a folha em branco, a magia pela primeira vez, ali pode inventar o que quiser porque inventou a folha mágica, basta escrever e acontece, ele não sabe muitas letras nem muitas palavras, entrou há pouco tempo para a escola, escreve o que sabe e que no fundo é o que quer

— pai

depois olha e gosta, apaga um ou outro risco, põe direitinho para nada falhar, para que a magia aconteça como tem de ser, olha outra vez, agora está perfeito, só mais uma palavra e pode ser que a magia aconteça

— mãe

basta arrancar a folha e vai acontecer a magia, é agora que vai testar a sua invenção

— pai

— mãe

e eles chegam, o menino arrancou a folha, leu as palavras várias vezes, e eles apareceram, talvez preocupados com ele, talvez sem saber o que aconteceu, mas a verdade é que aconteceu, a magia aconteceu, o menino explica aos pais outra vez que inventara a folha mágica primeiro e o caderno mágico depois, os pais respiraram fundo primeiro e repreenderam-no depois

— não voltes a assustar-nos assim

o menino não compreendeu, que mal tem sonhar?, e continuou na sua invenção que iria mudar o mundo, bastava escrever e o mundo mudava, imagine-se o que não se poderia fazer com isso, pensou em mil e uma coisas para escrever, mil e uma coisas para inventar, mas percebeu então que não sabia escrever e tinha de saber escrever para que a folha fizesse o seu trabalho, podia chorar e ser como todos os outros meninos que não têm o que querem e choram e param, mas este menino nisso era diferente e quando tinha um sonho não chorava e fazia

— por favor ensinas-me a escrever até começarem os desenhos animados

a irmã mais velha riu-se mas não resistiu, ao fim do dia, quando chegavam da escola, lá iam os dois para o quarto, ninguém sabia o que iam

fazer, diziam que havia trabalhos para fazer e havia, mas o menino estava só a lutar pelo sonho, a irmã gostou de brincar às professoras e ensinou-lhe tudo, as letras todas, e vinte ou trinta dias depois já o menino que só queria sonhar tinha todas as ferramentas para criar o seu sonho

— era uma vez

começou assim porque lhe pareceu que era assim que começavam todos os sonhos, e foi escrevendo, frase a frase, invenção a invenção, e aos poucos foi percebendo que aquele seu caderno era mais mágico ainda do que aquilo que ele tinha inventado, afinal nem precisava de arrancar a folha para existir, ele ia escrevendo e à medida em que ia escrevendo sentia tudo a acontecer, o príncipe que queria voar, a princesa que queria ser salva, o menino foi escrevendo e aquilo tudo foi acontecendo, ele via-o ali, à sua frente, dentro de si, mesmo dentro de si, todas as emoções, ria, sorria, até chorava, vejam lá

— como podem dizer que não existe se me faz chorar

e quando muitos anos depois, centenas de adultos e de crianças de uma escola primária diante de si, ele apresentou mais um dos seus livros, resolveu oferecer um presente especial a cada um deles

— é um caderno com superpoderes

e passou-lhes para a mão um monte de folhas em branco igualzinho ao que lhe mudou a vida

— o que escreverem nele acontece mesmo

todos se riram menos as crianças, que começaram imediatamente a experimentá-lo.

Estás no 4.º esquerdo e não sei o que faça com esta ansiedade,  
rais parta o amor, caraças,  
é tão mais fácil não amar mas que merda andamos aqui a fazer se não  
amarmos?,

trouxe a minha melhor camisa, pedi à minha mãe que a passasse,  
gosto tanto da minha mãe, pode ser este o primeiro segredo que te conto,  
guarda-o bem, e ainda nem falámos mais do que dois minutos, vê lá tu, o  
segundo segredo é que te amo, ou algo do género,

não sei ainda bem o que é o amor, o mais certo é mesmo que nin-  
guém saiba, mas que isto parece o que vem nos livros lá isso parece,  
toco à campainha e a tua voz,

como pode uma voz mexer em tantas partes do corpo, pá?,  
sobe, e eu subo, há um elevador à esquerda mas para asfixia já basta a  
que vem de dentro, vou pelas escadas e assim tenho tempo de pensar em ti,  
ainda nem estou contigo e já estamos a sós,

conto as escadas e as mãos suam,

prometes que quando te beijar me ensinas o que se faz com a língua?,  
na aula de Inglês a professora viu-me a olhar-te e sorriu, espero que  
não te tenha dito nada, quero que saibas que te quero pela minha boca,

sou um homem a sério, regista já isso,

cheguei cá acima, dou um jeito no cabelo, espero que gostes do pen-  
teado à Ronaldo que fiz só para ti, o gel é da marca do Mini Preço mas o  
que conta é a intenção, trago-te no bolso uma fotografia tua que imprimi  
do teu perfil do Facebook,

quem é aquele bacano que anda por lá sempre a babar-se por ti afinal?,  
olho-me no reflexo do vidro e preparo-me para o momento mais  
importante da minha vida,

sempre que te encontro é o momento mais importante da minha  
vida, sabias?,

deixaste a porta entreaberta e isso pode ser um sinal, li ontem em qualquer lado que amar é deixar sempre uma porta entreaberta, vamos lá ver se é verdade, a literatura tem a solução para tudo, eu sei que esta frase não é nada de especial mas pelo menos é minha,

faz o que quiseres com ela mas comigo abraça-me, por favor,

entro e não estás para me receber, deves estar na sala, provavelmente, vou andando, olho à volta e procuro sinais da tua existência, quase que aposto que este quadro foi pintado por ti, ainda ontem a tua mãe me disse que tens muito talento, e tem razão,

juro que se me disseres que és sportinguista eu digo que és mesmo perfeita,

a sala é grande e tu estás no sofá, noto pelo teu cabelo pousado na almofada, a televisão ligada,

queres ver esse filme comigo o resto da tua vida?,

já estou à tua frente e vejo que estás a dormir, amo o teu cabelo mas agora podias afastá-lo um pouco só para te ver melhor, há um minuto falaste comigo e já estás a dormir, ou será que as escadas duraram mais do que pareceram?, não sei o que fazer, fico a olhar-te e a amar-te a sós,

ficar a olhar-te e a amar-te mesmo que a sós é sempre uma boa decisão,

ainda coloco a possibilidade de dizer qualquer coisa mas desisto, deixo-te dormir e volto mais tarde, escrevo um bilhete,

estive aqui e vou estar sempre, parece-te bem?,

saio de fininho, olho-te uma última vez por cima do ombro, ainda estás no sofá,

és bonita como um golo que vale um título, serve isto como declaração de amor?,

e não sabes que existi aqui, que te consumi aqui, eu e tu no instante íntimo do teu sono,

ainda nem nos beijámos e já dormimos juntos, vê lá tu,

fecho a porta devagar para não te acordar, para baixo vou no elevador, apesar de tudo já respiro melhor,

um segundo a ver-te e os meus pulmões abrem inteiros,

carrego no zero e quando olho para a tua porta vejo um número e uma palavra que me deixam a pensar,

3.º esquerdo,  
e talvez seja tempo de voltar a subir, estás no 4.º esquerdo e não sei o  
que faça com esta ansiedade,  
rais parta o amor, caraças.

Lá porque estou vacinada contra a dengue não me vou oferecer aos mosquitos,

dizes tantas coisas só tuas e a puta da minha sorte por te ter aqui, amei-te antes de saber e se calhar é só assim que se ama, sei lá, digo eu, que antes de ti pensava na impossibilidade de uma boca assim,

na primeira vez em que dormimos juntos esquecemo-nos de dormir, a varanda do meu minúsculo apartamento aberta, o Inverno lá fora e um inferno feliz cá dentro,

tinhas uma caveira a rir estampada nas cuecas, ou então era o meu corpo contente que estava a rir-se e a caveira estava morta como as outras,

éramos proibidos mas amámo-nos à maneira de Deus, até que a morte nos separasse, claro está, o problema é que havia várias mortes para experimentar e é por isso que ainda aqui estamos,

quantas vezes é possível amar-te pela primeira vez?,

quero mais uma, só esta, hoje viemos para um hotel para morrermos melhor,

quero uma cama destas em casa,

e deitas-te,

gosto quando brincas aos adultos comigo, inventas expressões que ninguém faz, falas-me das maiores superficialidades do mundo, a outra que tem um blogue foi ao Brasil, há saldos na Zara,

e o poema está na voz, não no verso,

abraçámo-nos há bocado nas escadas rolantes, posso garantir-te que um casal de adolescentes teve inveja da nossa inconsequência,

quando te abraço espero um abraço, e que sejas tu,

excita-me o nosso tédio, as tuas mãos no pêlo do meu peito,

ser feliz é tão simples, não é?,

vou olhando para ti enquanto te vejo, os teus lábios parecem nuvens quando te olho por cima dos óculos e de uma frase,

lembrei-me hoje de manhã das vezes em que te fiz chorar, e chorei,  
sou tão pouco para o teu tamanho, escrevo umas merdas que só eu  
entendo, e é inexplicável tu seres minha,  
um dia candidato-me ao Nobel com a tua pele,  
tocar-te fez de mim escritor, e com um bocado de sorte gente,  
escrevo para te amar melhor, acho que já escrevi isto mas aqui fica de  
novo, o mais irónico é que enquanto escrevo sentes a minha falta,  
talvez escreva também para saber que me queres, quem sabe?, mas  
certo certo é que escrevo antes de mais para te levar para a cama, ou pen-  
savas que não?,  
podia inventar uma Bíblia só para a minha fé por ti, mas não me livres  
do mal, ámen,  
lá porque estou vacinada contra a dengue não me vou oferecer aos  
mosquitos,  
repetes,  
já te disse que sei de cor os teus dentes desalinhados quando sorris?,  
temos só esta noite para nos amarmos esta noite,  
porque precisei de ti para viver assim?,  
há que escolher entre amar e escrever, e eu escolho a ti,  
talvez um dia saiba de que lado estás.

Trazes o relógio azul que te dei pelo aniversário e a promessa de um beijo, é o que basta para te abrir os braços e te convidar para debaixo dos lençóis,

há tanto frio em mim quando não estás,

já fechei as janelas e os olhos e não há maneira de adormecer, ouve-se a cidade cheia de pessoas e nenhuma és tu,

Deus acontece pela diferença,

e pela maneira como quando chegas me sorris e me pedes perdão por mais um atraso, o escritório e reuniões, quase dez segundos até que sem falar te diga para vires e te abraçar por dentro,

há só uma vida e és tão inacabável em mim.

Encontramo-nos como sempre no centro do abismo, as tuas veias grossas, chamo-te ao espaço em mim onde nem a pele ousa chegar, e acontece amor,

apetece tanto continuar parada, só a ouvir as respirações a acalmar, a boca seca mas não arrisco perder um segundo distante dos teus lábios, tenho de guardar o instante, cada um, falar-te ao ouvido a dimensão do que te quero, pousar a cabeça no teu peito e esperar que nunca mais haja depois,

mas em poucos minutos já não estás, descobres as horas e a cama vazia outra vez, pedes desculpa, enfiás o corpo, como preciso do teu corpo, debaixo da roupa, beijas-me ao de leve sem dizeres que me amas, e saís do quarto, já com o telefone na mão e tu a atenderes,

estou sim,

e pela forma como falas talvez seja a tua mulher a perguntar se demoras.

amo-te tanto mas hoje tenho de levar o carro ao mecânico, as rodas fazem um barulho estranho, não deve ser nada mas é melhor prevenir, amanhã prometo que vamos ver que tal se come naquele restaurante novo junto à rotunda, e depois levo-te ao cinema, ai não que não levo,

amo-te tanto mas hoje tenho de ver o treino do miúdo, o treinador ligou e disse-me que temos craque, o nosso menino a jogar como gente grande, vê lá tu, quando chegar com ele vê se tens prontinha aquela comida que ele adora, o puto merece, ai não que não merece,

amo-te tanto mas hoje tenho de ficar até tarde no escritório, há aquele projecto do estrangeiro para fechar, está aqui tudo perdido de nervos, não sei se aguento, daqui a pouco ligo-te para saber como vai tudo, o miúdo e as coisas aí em casa, agora tenho de ir mostrar a esta gente toda como se trabalha, ai não que não tenho,

amo-te tanto mas hoje tenho de me deitar cedo, amanhã é aquela reunião importante de que te falei, se conseguir o cliente vamos ser tão felizes, aquela casa, o carro novo, quem sabe?, só tenho de o conseguir convencer, tenho tudo prontinho na minha cabeça e nada pode falhar, vamos ser ricos, é o que é, ai não que não vamos,

amo-te tanto mas hoje não estás, cheguei à hora combinada para te levar a jantar e tu não estás, o miúdo também não, deve estar no treino, deixa-me cá ligar, ninguém atende, nem tu nem ele, provavelmente deves estar a preparar alguma, sempre foste tão assim, cheia de surpresas, daqui a nada entras pela porta e dizes que me amas, ai não que não dizes,

amo-te tanto mas hoje tenho de assinar este papel, olho-te e peço-te perdão, prometo-te que não vai haver mais mecânicos nem treinos nem clientes estrangeiros nem reuniões entre nós, garanto-te que te quero acima de tudo, olho-te mais uma vez nos olhos e procuro acalmar o que te dói, mas tu só dizes para eu assinar e eu assino, as mãos tremem e até já uma lágrima caiu sobre elas, o nosso filho quando souber vai chorar como

## PROMETO FALHAR

um menino pequeno outra vez, o nosso craque, podias ficar pelo menos pelo nosso craque, ou pelo menos por mim, para me manteres vivo, Deus me salve de não te ter comigo, sou uma impossibilidade se não te tiver para gostar, ai não que não sou,

amo-te tanto mas hoje não tenho nada para fazer, a casa escura, um silêncio vazio e nada para fazer, apenas esperar que te esqueças de mim e me voltes a amar, e eu amo-te tanto, ai não que não amo.